

Leah Mercer

# O Homem Que Pensei Que Eras

Tradução

Raquel Dutra Lopes

*O Homem Que Pensei Que Eras* é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia.



## Capítulo 1

*Anna*

A última coisa de que me lembro antes de o meu marido me ter deixado é da satisfação tranquila de caramelizar cebolas até obter um resultado perfeito. Mesmo agora, quando olho para trás através do filtro turvo do tempo, vejo-me debruçada sobre o fogão e sinto o cheiro pungente das cebolas a fritar. Fito as meias-luas translúcidas e douradas no tacho enquanto o calor me abraça as faces, mantendo uma orelha atenta à porta, pois estou à espera de que o meu marido volte. Não fazia ideia do golpe que me esperava, que seria como um soco dado em cheio no coração. O golpe que despedaçaria aquilo que eu julgava ser o meu mundo sem defeitos.

Dez anos maravilhosos passados juntos, e a nossa vida parecia uma sequência incessante de fotografias de casal perfeitas para exibir no Pinterest: jantar à luz de velas tremeluzentes ou aninharmo-nos em mantas confortáveis enquanto devorávamos livros, cada um na sua ponta do sofá, com os pés entrelaçados. Eu julgava que poderíamos continuar assim para sempre. Mas a perfeição não dura... e talvez não passe de uma ilusão, seja como for. Agora já sei isso.

Mas, nesse dia, no dia em que o meu marido se foi embora, concentro-me apenas em manter as cebolas suaves, sem que as pontas acastanhadas escureçam. Dou-lhes uma mexedela rápida, apresso-me a ir ao quarto mudar de roupa e volto para a cozinha, onde continuo a preparar o jantar. A rotina familiar é reconfortante, como um livro que relemos

e tornamos a reler apesar de já sabermos como acaba: casa, trabalho, casa, fazer o jantar... e depois a porta a ranger quando o Mark volta. A sensação dos seus braços à minha volta, o raspar da sombra da sua barba na minha face e uma palmadinha rápida no meu traseiro antes de fugir com um pedaço do que quer que seja que eu tenha deixado na bancada. Todos os dias são iguais.

Todos os dias, excepto aquele.

Naquele, o Mark não passa os braços à minha volta. Traz a gravata folgada e tem o rosto pálido, enquanto o fato lhe pende do corpo como pregas de pele flácida. Dou-me conta de que perdeu algum peso – mas será que perdeu mesmo? Sempre foi magro, e ainda há umas noites o vi nu. Coro com as imagens que me passam pela cabeça: as suas mãos na minha pele, os seus lábios no meu pescoço, no sítio *perfeito*... Sempre tivemos uma óptima vida sexual. Isso nunca mudou desde que casámos. A minha irmã Sophie diz que não toca no marido, o Asher, há quase um ano! É certo que tem de cuidar de uma filha, enquanto nós, até à data, somos só os dois. Por ora, pelo menos.

– Preciso de falar contigo.

A voz do Mark interrompe-me os pensamentos e eu estendo a mão para lhe beliscar a bochecha – um gesto que lhe provoca sempre um sorriso. Mas, desta vez, ele encolhe-se e afasta-se, deixando-me a pensar que talvez o tenha magoado.

– Oh, desculpa.

Sorriso-lhe, tentando animá-lo. É raro ele chegar a casa maldisposto. Costuma ficar apenas satisfeito por fugir ao mundo empresarial. Ele trabalha como gestor da filial de um grande banco, um emprego que não adora, mas que mantém há anos, apesar de eu lhe dizer que é demasiado inteligente para se deixar estagnar. O meu emprego é que é interessante: sou professora do Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Londres. Adoro os alunos, a energia e o entusiasmo que têm. Adoro o fervor com que discutem livros e a forma como se concentram em absoluto no material.

Vou mesmo sentir a falta do trabalho quando estiver de licença de maternidade – o que espero que aconteça no próximo ano. Já andamos

a tentar há algum tempo, mas sem resultados. Não somos vetustos e eu sei que *há-de* acontecer, mas por vezes gostava que tivéssemos começado mais cedo. Falamos de constituir família desde que casámos, mas o Mark queria garantir que tínhamos poupanças suficientes no banco «para jogar pelo seguro», bem como uma boa maquia no nosso fundo imobiliário. E, embora eu estivesse ansiosa por ter um bebé, tive de concordar com a sua cautela.

É uma das coisas que adoro no meu marido: põe sempre a nossa pequena família em primeiro lugar. Desconfio de que foi por isso que se manteve tanto tempo no banco, apesar das minhas pressões para que trabalhasse em *part-time* e voltasse a estudar. Ele adora ler e eu dou as minhas aulas duas vezes, uma no trabalho e outra em casa.

– Vamos para a sala.

O Mark sai da cozinha e afunda-se no cadeirão, não me deixando opção que não segui-lo. Os seus movimentos estão perros e nervosos, como se os músculos se tivessem esquecido de como flectir-se. Depois do jantar vou fazer-lhe uma boa massagem nas costas e depois meto-o na cama com um saco de água quente. Vai fazer-lhe bem relaxar depois de ter passado toda a semana a trabalhar até tarde.

Sento-me no sofá, a tirar um pedaço de algodão da perna. É tão bom sentar-me depois uma tarde inteira de pé a dar aulas, ainda que tenha de ir mexer aquelas cebolas antes que «caramelizadas» se transforme em «esturricadas»...

– Que se passa? – pergunto, flectindo os dedos os pés para alongar os músculos das barrigas das pernas. *Ah, que sensação divinal...*

O Mark pigarreia e remexe-se no cadeirão, com o peito a encher-se quando inspira profundamente.

– Preciso de ir para longe, Anna.

A minha cabeça dispara para cima.

– Para longe? De que estás a falar? – O Mark não vai a lado nenhum. Eu também não, a propósito. A nossa vida é em conjunto, *aqui*, e é tudo aquilo de que precisamos. Com algum esforço, recupero uma memória de me ter dito algo acerca de um dia de passeio para os gerentes das filiais. Deve ser disso que está a falar. – É do dia de passeio? – Tenho

uma ideia e a minha mente desata a dar voltas. – Sabes, se for num hotel bom, eu até podia tirar o dia amanhã e ir contigo. Podíamos passar lá o fim-de-semana.

Nunca faltei ao trabalho, nem um dia que fosse, e devia passar mais tempo a rever os meus apontamentos para as aulas da próxima semana, mas não dou aulas à sexta e tenho a certeza de que poderia perder um dia de investigação e correcção de provas. Um sorriso forma-se no meu rosto, pois já nos imagino, de mãos dadas, a passear por um jardim rural.

E talvez... talvez tivéssemos sorte lá; talvez conseguíssemos por fim engravidar. Vai calhar na altura certa do mês para mim e, quanto mais pudermos tentar, melhor. *Mais do que «melhor», na verdade*, penso enquanto nos imagino enrolados em lençóis brancos e bem engomados, as janelas abertas a dar para os amplos relvados verdes...

O meu sorriso desfaz-se quando reparo na cabeça do Mark a abanar, a abanar como se estivesse a tentar travar a minha catadupa de palavras.

– Não, não. Não estás a perceber. Vou para longe de *ti*, Anna.

Ele imobiliza-se e os seus olhos cravam-se nos meus.

*O quê?* De queixo caído, a minha respiração acelera à medida que as suas palavras fazem o que podem por entranhar-se em mim, empurrando e picando-me a pele. Quero afastar-me delas, mas estou petrificada.

O Mark levanta-se e começa a andar de um lado para o outro no nosso soalho de tábuas que rangem. Cada passo é sublinhado por um rangido agudo que me faz estremecer. Estou há séculos para tentar resolver isto, talvez o faça amanhã... abano a cabeça. Mas que raio estou a fazer? O meu marido acaba de me dizer que vai deixar-me e eu aqui preocupada com as tábuas do soalho. Mas continuo a não acreditar que seja verdade. É como se ele falasse outra língua que eu nunca compreenderei.

Por fim, o Mark pára e senta-se outra vez no cadeirão. Agora tem as faces coradas, dois círculos vermelhos a contrastar com a tez branca como cal, como uma criança pequena que tivesse deitado a mão ao *blush* da mãe. Antes de dar conta do que estou a fazer, encolho-me no

cadeirão com ele até o corpo me doer – estou tão perto dele que me dói. Preciso de lhe tocar, de sentir que ele é sólido e real. Que *nós somos* sólidos e reais, apesar das palavras que acaba de pronunciar.

Estendo a mão para a dele. Tem a palma suada mas os dedos frios, e aqueço-os entre os meus, como fiz vezes sem conta durante a nossa vida em conjunto. Mas, em vez de me puxar para si e de encostar a cabeça ao meu pescoço, inspirando-me como se eu fosse uma fonte de energia para as suas baterias gastas, retorce-se para sair do cadeirão e atravessa a sala até ao sofá, afastando-se de mim.

Emudecida, observo-o a passar uma das mãos pelo cabelo grisalho – o cabelo que, de um castanho-claro, se transformou nesta versão *sexy* – e engolir em seco. A sua maçã-de-adão sobe e desce e eu penso que conheço cada centímetro dele por dentro e por fora. É por isso que tenho a certeza de que o que quer que esteja a dizer agora não pode ser o que realmente sente. Como poderia ser? Fizemos quase tudo juntos ao longo dos últimos dez anos, de manhã à noite – construir uma vida. O nosso mundo somos nós. Foi com sinceridade que lhe entreguei o coração e a alma, e sei que fez o mesmo: tem-no provado em cada uma das suas acções desde o momento em que nos conhecemos. Não esperei anos que aparecesse alguém como ele em vão.

Ponho-me de pé, com as pernas a tremer.

– Mark, que disparate! – O meu riso assemelha-se mais a um grito de socorro. – Bom, é melhor ir mexer aquelas cebolas antes que peguem ao tacho.

Dou um passo na direcção da cozinha, mas, antes que consiga escapulir-me, ele agarra-me o ombro.

– Anna, pára. – Fita-me os olhos. O meu olhar está colado ao dele, como se tivéssemos começado uma competição em que perde quem pestanejar primeiro. Tento libertar-me, mas ele não me larga. – Não consigo... não consigo continuar aqui – diz ele por fim. Olha em redor, para o casulo que tecemos juntos, e o meu coração começa a bater muito depressa, com o medo que me atravessa.

– O que queres dizer com isso? – Mal consigo obrigar a língua a formar as palavras. Sinto a boca seca como o deserto do Saara.



De repente, é o Mark quem se escapa.

– Por favor. – A sua voz soa a súplica e atinge-me o coração. – Deixa-me. Tenho de ir.

As palavras pairam por cima dele, pendem no ar como uma nuvem venenosa. Tento não as inspirar, mas elas instalam-se, frias e húmidas, manchando cada superfície em que tocam. Dou um passo na direcção dele, sabendo que não é possível – nunca – que eu o deixe ir embora. Somos demasiado juntos, demasiado *felizes*, para nos desmormormarmos.

– Não. – Seguro-o pelos ombros, tentando obrigá-lo a encarar-me. Os seus músculos parecem cimento sob os meus dedos, recusam-se a ceder. – Não deixo. Não vou deixar-te ir. – Abano a cabeça com tanta força que me faz doer o pescoço. – Senta-te, está bem? Senta-te só... e podemos conversar.

Se conseguir que me diga o que se passa, tenho a certeza de que poderemos resolvê-lo. Juntos, como sempre fizemos. Tento puxá-lo para o sofá. Por um segundo, ele inclina-se para mim, como se estivesse prestes a ceder. E depois afasta-se e baixa a cabeça, com o peito a agitar-se como se se debatesse com algo dentro de si.

– Preciso de ir agora – diz ele. Torna a fitar-me os olhos e a sua expressão faz-me inspirar de susto. É algo que nunca lhe tinha visto: uma espécie de derrota, talvez, mesclada com dor e anseio. – Por favor, não tentes contactar-me. Vai ser mais fácil se não o fizeres. Transferi algum dinheiro para a tua conta pessoal. Há que chegue na conta conjunta para pagar contas e...

– Mark, pára! – Levanto uma das mãos. – Nada disso me importa. Não preciso de saber nada disso. Anda, senta-te só por um segundo.

Mas ele continua como se não me tivesse ouvido.

– Se a caldeira der problemas, o Asher pode tratar disso; ele sabe onde está o manual. Para tudo o resto, procura na gaveta ao lado do lava-loiça. Estão lá todos os números de que possas precisar.

Abano a cabeça, com as suas palavras a voar em meu redor. *Caldeira? Lava-loiça?* Mal consigo decifrar o que ele estará a dizer.

E depois, como não sei que mais hei-de fazer – não sou capaz de fazer mais nada agora, seja como for; já é uma façanha continuar

a respirar – vejo-o vestir o casaco, o casaco que tirou apenas há uns minutos – apesar de parecer ter sido há toda uma vida –, pegar nas chaves, abrir a porta e fechá-la depois de sair.

E, sem mais, o meu marido foi-se embora.